



A INCLUSÃO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIAS: METODOLOGIAS E PRÁTICAS DOS PROFESSORES

Eixo-temático: Educação escolar e diversidade

Patricia de Oliveira Santos
 [UNEAL]
 [oli_patricia2010@hotmail.com]
 Elizete Santos Balbino
 [UNEAL]
 [elizete.balbino@hotmail.com]

Resumo: As pessoas com deficiência estão cada vez mais ocupando seus espaços, sejam eles educacionais ou sociais. Portanto, a presença de alunos com deficiência é uma realidade em muitas escolas públicas do município arapiraquense. Assim, o presente trabalho tem como objetivos analisar a inclusão e o processo de ensino-aprendizagem das crianças com deficiência nas escolas públicas do município de Arapiraca – AL e investigar as metodologias e as práticas utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem das crianças com deficiência no âmbito educacional. Utilizamos como metodologia uma pesquisa bibliográfica e de campo com uma abordagem qualitativa através de um estudo de caso. Para a coleta de dados foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com cinco professoras de três escolas da rede pública do município de Arapiraca – Alagoas, que têm incluídos em suas salas de aulas alunos com deficiência. Os resultados mostraram que a maioria dos professores entrevistados, apesar de achar que a inclusão de alunos com deficiência nas escolas é importante, reconhece que não têm condições de ensinar a essas crianças como deveriam, pois faltam profissionais de apoio para ajudá-los e materiais pedagógicos adequados. Os depoimentos apontam para a falta de uma formação adequada para atender aos alunos com deficiência e que o professor precisa considerar também que as mudanças acontecem primeiro dentro dele mesmo, ou seja, é preciso querer mudar a realidade que está posta para depois cobrar dos responsáveis condições melhores de trabalho. Dessa forma, o docente estará garantindo ao aluno com deficiência o direito à educação.

Palavras – chave: Deficiência. Inclusão. Professor.

1 – INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um paradigma e, enquanto paradigma, requer um processo de resignificação de concepções e práticas no qual os professores precisam considerar as deficiências como parte da diversidade humana, assim como compreender que as diversas



diferenças encontradas nas salas de aulas contribuem para transformar a realidade de muitas crianças que apresentam deficiência.

A justificativa para o desenvolvimento desse trabalho se justifica pelas inúmeras experiências relacionadas à temática pelas quais os estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) vivenciam durante a sua formação e por compreendermos que o professor tem que conhecer quais as metodologias utilizadas para trabalhar com estas crianças e isso passa por uma formação que possibilite ao mesmo as condições necessárias para não só recebê-los em sala de aula, mas capaz de contribuir para que a inclusão escolar se torne possível.

Na fundamentação teórica foram utilizados os estudos de Cunha (2014); Orlanda; Santos (2013); Prieto (2006); Souza; Tavares (2010), dentre outros.

Iniciamos a pesquisa abordando algumas questões teóricas sobre a aprendizagem das crianças com deficiência e também as metodologias e as práticas dos professores x inclusão escolar. Nos resultados e discussões apresentamos a pesquisa de campo realizada com cinco professores que trabalham em escolas públicas do município de Arapiraca, onde enfatizamos alguns aspectos que envolvem suas metodologias e práticas frente aos alunos com deficiência.

2 – A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA: METODOLOGIA E PRÁTICA DOS PROFESSORES FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças com deficiência é preciso que aconteça intervenção pedagógica, que atenda as necessidades individuais de cada aluno, para que aconteça de fato à melhoria e a qualidade de ensino e aprendizagem dos educandos.

Segundo Cunha (2014, p. 68), a aprendizagem criativa é uma experiência consciente, manipulada e transformadora. Não se restringe simplesmente as influências sobre os conceitos existentes, mas abarca modificações operadas pelo aprendiz que vão traduzir-se em uma nova forma de executar tarefas ou manusear materiais. Alunos com deficiência já são predispostos a improvisações em razão de restrições que possuem. Há neles um potencial criativo que necessita ser explorado em sala, pois limitações genéticas podem ser superadas pelos estímulos do ambiente escolar.



Dessa forma, cabe ao professor levar em conta os vários fatores como social, cultural e a história de vida de cada educando, com suas características pessoais, sensoriais, motores e psíquicos, para que possa dá a devida atenção e atender da melhor forma possível. Então, para um bom desempenho da aprendizagem das crianças é necessário que haja disponibilidade cognitiva e emocional, pois é um fator essencial para que aconteça uma interação com colegas e aprenda a conviver em grupo, a se socializar e a entender as normas, valores e as atitudes uns dos outros. Então, cabe ao professor trabalhar com sua turma organizando-a em grupos, porque dessa maneira estará influenciando o processo de ensino aprendizagem, porém tem que levar em conta a diversidade dos alunos.

O aprendizado de habilidades ganha muito mais sentido quando a criança está imersa em um ambiente compartilhado em que permite o convívio e a participação. Então, os alunos com deficiência requer recursos pedagógicos e metodológicos específicos para ter o domínio da aprendizagem, uma vez que a inclusão escolar é a oportunidade para que de fato elas não estejam à parte, isoladas realizando atividades sem acompanhamento e sem sentido.

De acordo com Tédde (2012), a inclusão tentando garantir uma educação de qualidade para os alunos com deficiência incluídos no ensino regular, trouxe através da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), o Atendimento Educacional especializado (AEE), um serviço da educação especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

Então, o AEE complementa e/ou suplementa a formação do aluno, visando a sua autonomia na escola e fora dela, constituindo oferta obrigatória pelos sistemas de ensino. É realizado, de preferência, nas escolas comuns, em um espaço físico denominado Sala de Recursos Multifuncionais. Portanto, é parte integrante do projeto político pedagógico da escola. (BRASIL, 2010)

Nessa perspectiva, e tendo em vista o aprendizado das crianças com deficiência que o AEE tem como missão, identificar, planejar e efetuar recursos pedagógicos e de acessibilidade que facilitem a participação dos alunos incluídos no ensino regular. E as salas de AEE existente nas escolas regulares estão sendo de suma importância para o desenvolvimento e aprendizagem destes alunos. É uma oportunidade única para quem frequenta as escolas públicas e é excelente para poderem ter uma assistência maior dependendo da sua



especificidade, ou seja, é um estímulo a mais para eles dentro da instituição de ensino, aos poucos vão conseguindo grandes avanços na aprendizagem.

No entanto, para haver a aprendizagem, o professor não pode ser meramente um transmissor de conhecimentos, mas precisa comunicar uma ação pedagógica, onde estão entrelaçados os saberes discentes e docentes. A comunicação não traduz uma relação monaxial entre o emissor-professor e o receptor-aluno, mas uma relação triádica que abarca o mundo das significações, para a compreensão do que é ensinado (CUNHA, 2014, p. 37).

Diante disso, o professor precisa saber que muito antes de ensinar, ele tem que aprender a comunicar-se com os alunos. Para que dessa forma possa haver uma interação entre professor e aluno, e só através dessa aproximação terá como saber qual a real necessidade de cada um, para o ensino e aprendizado dele.

Sousa; Tavares (2010, p. 07) afirma que a educação das pessoas com deficiência física precisa ser repensada a partir dessa contextualização como uma questão histórica, buscando superar uma leitura abstrata da mesma. É preciso considerarmos o conjunto de características físicas ao interagirmos como indivíduo com deficiência física, que saibamos favorecer o seu desenvolvimento humano, caso contrário estaremos contribuindo para o desenvolvimento da deficiência.

Além disso, as crianças precisam ser estimuladas e incentivadas o mais cedo possível, ou seja, nos seus primeiros anos de vida. Porque com esse acompanhamento elas irão crescendo e sentindo que tem todo o apoio necessário por parte dos familiares e até mesmo de profissionais, vão percebendo que são capazes de desenvolver suas habilidades e competências. Então, é necessário que acreditemos no potencial, no seu aprendizado, e que muitas vezes nos deixam surpreendido com seus avanços e desenvolvimentos.

Sousa; Tavares (2010, p.5-6) ainda continua nos dizendo que o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 10.172, é uma determinação prevista na Constituição de 1988 e na LDBEN Lei n. 9.934/96 que apresenta em seu histórico a necessidade de estabelecer diretrizes e metas para a educação, documento como Declaração Mundial de Educação para Todos em 1990, assegura o acesso e a permanência de todos na escola, com o objetivo de satisfazer as necessidades básicas da aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos devem estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os



instrumentos essenciais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos básicos da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo.

No entanto, Sousa; Tavares (2010, p. 07) declaram que:

A capacidade de se transformar o organismo e do ser humano, na capacidade do indivíduo criar processos adaptativos com intuito de superar os impedimentos que encontra. A capacidade de superação só se realiza a partir da interação com fatores ambientais, pois o desenvolvimento se dá no entrelaçamento de fatores externos e internos.

Certamente, os alunos com deficiência necessitam ser estimulados para superarem suas dificuldades, pois existem alguns aspectos fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem, como: afetividade, socialização e ludicidade, linguagem e comunicação, educação psicomotora, música e arte e uma boa alimentação. Dessa maneira, a primeira coisa que se deve fazer ao trabalhar com o ensino e aprendizagem das crianças com deficiência é a afetividade, já que propicia condições para desenvolver suas criatividade. Contudo, cabe ao professor trabalhar a afetividade destes alunos no espaço da sala de aula que aos poucos conseguirá fazer uma ponte ligando o afeto ao saber estimulando-os a aprendizagem das mesmas.

Portanto, ao trabalhar na educação de alunos com deficiência precisar-se demonstrar a eles o quanto é importante à vontade de aprender do que simplesmente ensinar. Precisa saber como tratar cada aluno, conquistando e mostrando qual o melhor caminho que o leva ao ensino e aprendizado, é fundamental também para o professor desenvolver um bom desempenho nas atividades realizadas com as crianças.

Nos anos iniciais, é mais comum que os professores compreendam a ludicidade como processo cotidiano de aprendizagem, pois é natural à criança aprender brincando. Já, nas últimas séries do ensino fundamental e, principalmente no ensino médio, brincar é visto, em muitos casos como antonímia de responsabilidade e compromisso. Não seria infrequente, portanto, haver em escolas rígidas e com regras inflexíveis a incidência de bullying, pois a



informalidade das brincadeiras há muito cedeu lugar à imposição do rigor excessivo (CUNHA, 2014)

Entendemos então, que os professores consideram a ludicidade como um meio que leva às crianças a aprendizagem, ou seja, é através do brincar que elas vão aprendendo conteúdos, a coordenação motora, a socializar e enfim desenvolver as suas habilidades. Percebemos que em muitas escolas ainda continuam recebendo as crianças com deficiência, isolando-as das demais, privando-as de um verdadeiro ambiente escolar, de aprendizagem, com a prática de esporte, artes, desenhos, pintura, música, literatura, na verdade estão impedindo que haja o processo de ensino aprendizagem a todos. E que muitos ainda não compreenderam o verdadeiro sentido do brincar, uma vez que cabe ao professor e até mesmo a escola deixar claro o quanto é essencial o brincar nas atividades educacionais. Tomando os devidos cuidados com o exagero por parte de algumas brincadeiras pelos estudantes, fugindo então do verdadeiro sentido da aprendizagem.

Diante disso, se vê que muito antes de um professor ensinar tem que aprender a comunicar-se com as crianças, para que possa haver de fato um aprendizado, uma compreensão no que se é ensinado e também para que o professor tenha a certeza de que as atividades realizadas estão de acordo com a turma, podendo deste modo, estimulá-los a socialização do conteúdo trabalhado e se está acontecendo uma comunicação entre todos. Por sua vez, pode haver casos em que a dificuldade de aprendizagem tem que ser trabalhado com mais cautela, utilizando instrumentos que facilitem a comunicação com eles, e estimulá-los sempre a comunicar-se e a organizar sua linguagem por meio de fotografias, livros etc., ajuda a haver uma comunicação, dessa forma, estimula a criatividade e sua comunicação com o mundo.

O ensino brasileiro atualmente vem passando por algumas inovações em relação às práticas escolares utilizadas pelos professores na melhoria da qualidade de ensino. A partir das transformações ocorridas nas práticas escolares as crianças com deficiência têm a garantia de uma educação de qualidade nas instituições públicas voltadas para a inclusão.

Portanto, para que aconteça essa transformação temos que enfrentar alguns obstáculos que impede as escolas de se adequarem no processo inclusivo. E um desses obstáculos é o despreparo dos professores, motivo esse que não deve continuar sendo uma justificativa para deixar de existir a inclusão.



E em relação a essa transformação Prieto (2006, p.57) considera que:

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais.

Nessa perspectiva, cabe ao sistema de ensino disponibilizar ao professor uma formação continuada visando aos educandos um ensino de qualidade com novas metodologias e práticas de ensino, para que dessa maneira todos os alunos possam ter acesso ao estudo adequado, inclusive para as crianças com deficiência. Deste modo, os professores devem ser capazes de aprimorar seus métodos, bem como, elaborar atividades, criar ou adaptar materiais priorizando da melhor forma possível o atendimento aos alunos no processo de aprendizagem. Porém, o professor tem que ter um domínio amplo do seu campo de trabalho, só que infelizmente são poucos os professores que têm a teoria e prática sobre a inclusão escolar na rede regular, e vão para sala de aulas sem o conhecimento necessário para atuar com domínio. Então, não há como mudar sua prática sem ao menos ter consciência, de como se deve aprimorar seu conhecimento para a atual realidade do ensino inclusivo no país e desenvolver-se profissionalmente.

Dessa maneira, para as escolas receberem as crianças com deficiência precisam passar por alguns ajustes e uma das prioridades é em relação aos professores e, conseqüentemente, uma dessas mudanças estão relacionadas às metodologias e práticas utilizadas nas salas de aula.

Dentro deste contexto, nota-se que educar na diversidade exige do professor um planejamento flexível direcionado a diferença, ou seja, é preciso que o professor use estratégias adequadas a todos. Em sua metodologia o professor tem que procurar está sempre atualizado buscando informações de acordo com a realidade de seus alunos, já que ao inovar a educação no processo inclusivo, o professor estará contribuindo com a qualidade do ensino. E é nessa perspectiva que o professor tem que ir modificando aos poucos a sua prática, nas atividades, nos materiais didáticos, de forma que o aluno com deficiência se sinta incluso e que a aprendizagem de todos aconteça de fato.

Para reforçar essa necessidade, Mantoan (2006, p.47) relata que a inclusão não prevê o uso de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e / ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites, e se ensino for, de fato, de boa qualidade, o



professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. Não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, e sim de agirmos com realismo e coerência e admitirmos que as escolas existem para formar as novas gerações, e não apenas alguns de seus futuros membros, os mais capacitados e privilegiados.

Com base nisso, cabe ao professor está ciente dos diferentes níveis que se encontra cada aluno. Só ele saberá como trabalhar com cada aluno, ou seja, saberá quais as limitações e irá avançando nas atividades de acordo com o desenvolvimento e a realidade deles. Então, é através desses conhecimentos os educadores serão capazes de utilizar às estratégias adequadas que facilitará a aprendizagem das crianças com deficiência.

E de acordo com Zanata (2004, p. 132), a diferenciação e a flexibilidade do professor em relação à sua prática pedagógica são decorrentes da necessidade deste adequar o ensino às características do aluno. Assim, esta prática requer experiência didática do professor e, para que isso ocorra, é fundamental que o professor tenha acesso a teorias que fundamentem seu trabalho, ou seja, as professoras só ousaram implementar as estratégias por terem a possibilidade de pensar e refletir sobre a efetividade destas para o trabalho específico previsto para o aluno com necessidades educacionais especiais. Dessa forma, é de extrema importância que o professor seja flexivo para sua melhor atuação na educação inclusiva.

No pensamento de Orlanda; Santos (2013, p.08), O professor não precisa aprofundar-se a respeito das deficiências dos seus alunos, para isso existem os especialistas. Mas é necessário que tenham um conhecimento considerável sobre a necessidade do seu aluno deficiente, e que o considerem como um sujeito de direitos, um cidadão que ocupa um lugar na sociedade e que possui capacidades como todos os demais alunos, cabe ao professor planejar metodologias, fazer uso de recursos para implementar as práticas pedagógicas e proporcionar o desenvolvimento do seu aluno.

Por essa razão, é importante que o professor registre todos os dias ou semanalmente o avanço, o desenvolvimento de cada aluno, ou até mesmo o que não conseguiu avançar. Deste modo, o professor saberá agir nas devidas modificações em sua prática pedagógica inclusiva, ou seja, o professor mudará sua metodologia para facilitar a aprendizagem do aluno contribuindo para o processo de ensino aprendizagem.

Então, a inclusão escolar não é simplesmente matricular alunos com deficiência em classe comum, e sim dá a devida assistência à educação de todos. Diante do que foi visto,



observou-se que o principal objetivo da inclusão escolar é ser reconhecida e valorizada a diversidade com o intuito de levar a aprendizagem a todos, para que se tornem cidadãos de direitos iguais e sejam respeitados nos diferentes ritmos de aprendizagem de cada um de acordo com as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo sistema de ensino.

É no processo de inclusão que as metodologias e as práticas utilizadas pelos professores não deve ser específicas para cada tipo de deficiência, uma vez que os alunos aprendem de acordo com o limite de cada um, só basta que seja um ensino de qualidade e que o professor saiba obedecer a suas limitações e nas atividades desenvolvidas explorar o máximo, sabendo respeitar a realidade de cada aluno.

No entanto, reorganizar as práticas e metodologias, considerando que a escola é um desafio que precisa ser enfrentados por todos. É necessário que haja um acolhimento de fato, ou seja, o respeito, e parar com essa individualidade, nas salas de aulas. Tem que existir uma escola inclusiva onde aconteça nas salas de aulas trabalhos em grupos, em parceria, respeitando as diversidades, o limite de cada um, a integração, a socialização e a valorização do trabalho do colega. Enfim, para se trabalhar com a inclusão escolar o professor não pode facilitar ou adaptar as atividades escolares para beneficiar alguns, porque estará tirando a chance desse aluno de avançar, de encontrar meios para a realização das atividades. Ele se adapta ao conhecimento e só ele é capaz de regular o processo de construção podendo ir até onde for com suas limitações.

Cabe ao professor ensinar consciente que todo educando pode aprender no seu tempo e do seu modo de acordo com suas limitações e habilidades, podendo progredir. Bastando apenas ser trabalhados e estimulados para ir se desenvolvendo. Desse modo, cabe ao professor sempre buscar meios para auxiliá-los nos desafios que encontrarem durante o ensino e aprendizado.

Com base nessa ideia, Orlanda; Santos (2013, p.10) nos dizem que o professor que atua na educação inclusiva das classes comuns de ensino, conhecer o que é e como é o processo de aprendizagem, adquirindo conhecimentos a respeito do desenvolvimento humano e formulando uma contextualização das bases obtidas sobre a aprendizagem. Para atender as necessidades dos seus alunos, sejam eles portadores de alguma deficiência ou não, o professor precisa ser criativo, buscar inovar suas metodologias pedagógicas, deixando de ser um



transmissor do conhecimento, e passando a ser um agente criador de possibilidades para proporcionar a aprendizagem dos seus alunos.

Desde então, é preciso que os professores em suas metodologias usem os materiais didáticos como meio que facilitem a aprendizagem e a participação de todos os alunos. A questão é como organizar as situações de ensino para garantir o maior grau possível de interação e participação de todos, sem perder de vista as necessidades concretas de cada um. De tal modo, que ao trabalhar com a diversidade e a utilização de várias estratégias metodológicas os alunos com certeza iram adapta-se com mais facilidade nas atividades de aprendizagem, possibilitando uma melhor compreensão entre eles. O que realmente vale é oferecer serviços e adotar práticas criativas na sala de aula, modificando o planejamento escolar de acordo com a necessidade de cada um no processo educacional.

2.1 – Aspectos metodológicos

Para construção desta pesquisa, foi desenvolvido um estudo de cunho bibliográfico, e de campo, com uma abordagem qualitativa desenvolvida através de um estudo de caso. Segundo Ribeiro (2008, p. 05) a abordagem qualitativa se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada.

Já o estudo de caso Fialho; Neubauer (2008, p. 03) nos mostra que visaproporcionar certa vivência da realidade, tendo por base a discussão, a análise e a busca de solução de um determinado problema extraído da vida real. Em verdade, trata-se de uma estratégia metodológica de amplo uso, quando se pretende responder às questões 'como' e 'por que' determinadas situações ou fenômenos ocorrem, principalmente quando se dispõe de poucas possibilidades de interferência ou de controle sobre os eventos estudados.

Para a coleta de dados foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com cinco professores da rede pública do município de Arapiraca – Alagoas, que têm incluídos em suas salas de aula alunos com deficiência.



Dessa forma, os dados coletados foram analisados com o objetivo de auxiliar-nos na compreensão das metodologias e práticas pedagógicas de cada educador e para entender como está ocorrendo o processo de inclusão no sistema educacional.

2.2 – Resultados e discussões

Os dados coletados na pesquisa realizada nas escolas do município de Arapiraca – Alagoas serão analisados e discutidos, partindo do objetivo que foi elaborado para esta pesquisa e de acordo com os eixos temáticos, a saber: O processo de inclusão e suas possibilidades e as metodologias e práticas dos professores para trabalhar com crianças que apresentam deficiências.

A partir dos dados adquiridos com as entrevistas, observamos primeiramente o que os entrevistados compreendem sobre a inclusão e suas possibilidades. Para entendermos esse processo relataremos as seguintes falas:

Inclusão para mim é respeitar o limite do aluno, pois nem todos os alunos são iguais e cada aluno tem uma modalidade para a aprendizagem. Eu acredito que é possível o processo de inclusão, mas tem que levar em consideração esses três fatores: família, professor e gestor escolar (ANA BEATRIZ, 2014).

Inclusão é aceitar as diferenças de maneira que ele possa viver em sociedade como um cidadão normal. Eu acho sim que é possível o processo de inclusão (JOÃO PAULO, 2014).

Para mim é uma coisa muito difícil de trabalhar, porque você não consegue alcançar aquela meta que planeja para os outros, mas muitas vezes em os alunos da inclusão dão menos trabalho de que certo aluno que não tem deficiência nenhuma. Não é sempre nem toda hora, não alcança o que você quer que alcancem em aprendizado mais pelo menos os dois da sala em comportamentos são bons, e a inclusão é para eles aprender a trabalhar com os outros, com os amigos, então eles vão ao banheiro só, eles comem o lanche deles sozinhos, não precisa da ajuda de ninguém [...] Se tiver ajuda é sim possível o processo de inclusão [...] (SUSANA, 2014).

Frente aos relatos, observamos que cada entrevistado tem uma forma diferente de pensar sobre o que é de fato o processo de inclusão. Percebemos que os professores ainda ficam apreensivos, amedrontados, com dúvidas para falar sobre inclusão, se sente inseguros para atuar nesse processo inclusivo já que é uma adaptação para eles também e os órgãos



competentes dão pouca assistência. Entretanto, todos acreditam que é possível à inclusão acontecer na sociedade brasileira.

De acordo com Melo; Martins (2004) é natural que sentimentos de medo, insegurança, pena, entre outros, sejam manifestados, inicialmente pelos integrantes da escola regular diante da inclusão do aluno com deficiência, uma vez que, de uma maneira geral existe desconhecimento e também ideias preconcebidas em relação à deficiência e as pessoas que a apresentam.

Ao se referir sobre o processo inclusivo Mantoan (1997, p. 145, *apud* Sasaki, 1997, p.126) diz que a inclusão questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e regular, mas também o conceito de *mainstreaming*. A noção de inclusão institui a inserção de uma forma mais radical, completa e sistemática. O vocábulo integração é abandonado, uma vez que o objetivo é incluir um aluno ou um grupo de alunos que já foram anteriormente excluídos; a meta primordial da inclusão é a de não deixar ninguém no exterior do ensino regular, desde que o começo. As escolas inclusivas propõem um modo de se construir o sistema educacional que considera a necessidades de todos os alunos e que é estruturado em virtude dessas necessidades. A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apóia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral.

Com as informações obtidas nas entrevistas com os professores, observamos que suas respostas estão bem divididas em relação às metodologias e práticas utilizadas para trabalhar com as crianças com deficiência. Os três primeiros entrevistados falam que utilizam a mesma atividade com todos os alunos, sempre procuram diferenciar usando o lúdico e entre o relato uma diz que tentou fazer diferente, mas é difícil trabalhar desse modo e atender a todos, então ela prefere aplicar a mesma metodologia, sabendo que na avaliação irá observar as limitações de cada um. Porém, as duas últimas entrevistadas dizem que não utilizam a mesma metodologia, aplicam outras atividades para melhorar a coordenação motora e aos poucos ir obtendo êxito, envolvendo-os nas atividades para conseguir desenvolver o aprendizado.

A mesma que utilizo com os outros, mas procuro diferenciar para sua melhor aprendizagem (ANA BEATRIZ, 2014).



No caso esse trabalho foi com muita ludicidade com ele, ai facilita na aprendizagem (JOÃO PAULO, 2014).

Poucas, a maioria dos alunos já escreve, ler alguma coisa, eu e a menina que está me ajudando que é a cuidadora desenvolve algumas coisas para tentar, que ele adquira algum conhecimento, tentamos pegar giz de cera, pegando na mão dele tentando fazer alguns rabiscos, porque massinhas as vezes agente começa ai ele joga, os jogos de encaixar começa pouco tempo, porque ele não tem atenção, aí já começa a jogar, então é muito pouco o trabalho com ele (HELOÍSA, 2014).

Assim, quase que utiliza as mesmas que para os normais, “para os ditos normais”, é já tentei fazer diferente como, por exemplo, tinha uma menina com deficiência auditiva e os três tinham deficiências diferentes (mental, auditiva e deficiência física), ela tinha dificuldade para escrever até para se locomover e utilizava cadeira de rodas, então cada uma com sua dificuldade, imagine para um professor ter que atender a necessidade de cada um desses alunos fora os demais que com seus problemas [...] (LETÍCIA, 2014).

Muitas vezes uso jogos educativos, pelo menos a mãe da menina disse que ela aprendeu a recortar que não sabia, então sempre que dou recorte, pelo menos alguma coisa aprendeu, e ela copia do quadro e eu acho que ela tem problema de visão. Ela tem dificuldade de escrever mas as letras grandes ela consegue. Ela reclama muito de dor de cabeça porque ela tem uma abertura no cérebro então ela reclama muito de dor de cabeça e toma remédio constante, mas ela é muito inteligente porque faz muita coisa, conta tudo que acontece. (SUSANA, 2014).

A proposta da educação inclusiva, não se limita apenas no fato dos alunos portadores de necessidades especiais fazerem parte da escola, mas sim, de lhes proporcionarem a participação ativa em todas as atividades, utilizando muito mais do que conteúdos para o ensino-aprendizagem, mas também de valores e princípios, promovendo assim uma educação integral (ORLANDA; SANTOS, 2013, p. 06).

Portanto, o professor deve fazer a diferença e em seus planejamentos levar em consideração a realidade de cada aluno, quer dizer aproveitar o máximo o ambiente que ele está inserido para desenvolver uma aula dinâmica e acolhedora a todas as crianças e na sua metodologia tornasse um professor mediador capaz de levar o conhecimento a todos os alunos e interagindo com eles para obter a aprendizagem desejada.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos objetivos dessa pesquisa que foram analisar a inclusão e o processo de ensino-aprendizagem das crianças com deficiência nas escolas públicas do município de



Arapiraca-AL e investigar as metodologias e as práticas utilizadas pelos professores no processo de ensino e aprendizagem das crianças com deficiência no âmbito educacional. E considerando as análises das entrevistas semiestruturadas realizadas através um roteiro com perguntas abertas aos professores com a finalidade de termos acesso a algumas informações importantes para o aprofundamento da pesquisa.

O aprendizado das crianças com deficiência é de extrema importância para o seu desenvolvimento social, cultural, cognitivo e emocional. Assim, cabe ao professor utilizar metodologias e práticas que os ajudem a desenvolver suas habilidades, obedecendo às limitações de cada educando para que de fato aconteça o ensino-aprendizado das mesmas.

Diante do que foi estudado e analisado, entendemos que os professores tem que fazer uso da questão de planejar e utilizar metodologias de modo que atenda as necessidades de ensino e aprendizagem das crianças que apresentam deficiência. Buscando sempre alternativas diferenciadas para trabalhar com o desenvolvimento da aprendizagem de todos os alunos. Dessa forma irá contribuir com a escola no avanço e nas modificações escolares, ainda que seja pouco, mas já é um passo para que a inclusão escolar aconteça.

O resultado disso é que apesar de todos os desafios enfrentados pelos professores, eles fazem o possível para transformar a realidade escolar desses alunos, mesmo não recebendo a devida assistência. Todavia, é necessário mais investimentos nas escolas e os professores deveriam ter melhor apoio em relação à formação continuada, com o objetivo de adquirir novos conhecimentos e atuar com responsabilidade.

Acreditamos que hoje o grande desafio seja o de abandonar o discurso de que falta formação para que a inclusão se efetive e partir para o estudo de como devemos fazer a inclusão acontecer de fato. Os estudos agora devem apontar para a direção das práticas inclusivas, o que vai exigir novos estudos e, conseqüentemente, novos rumos para a educação das crianças com deficiência.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Especial **Programa de Implantação de Salas de Recursos**. Disponível

em:<[file:///C:/Users/Patricia/Downloads/manual_orientacao_programa_implantacao_salas_reursos_multifuncionais%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Patricia/Downloads/manual_orientacao_programa_implantacao_salas_reursos_multifuncionais%20(1).pdf)> acesso 04 mar. de 2015, 17: 53:32.



CUNHA, Antonio. Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por que? Como Fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.p.39-59.

MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira de. MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos. O que pensa a comunidade escolar sobre o aluno com paralisia cerebral. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.10, n.1, Jan./Abr. 2004, p.75-92. Disponível em:<http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista10numero1pdf/6melo_martins.pdf>. Acesso em: 27 jan.2015, 15:14:64.

ORLANDA, Taís Mendonça Tenório. SANTOS, Juliano Ciebre. **Metodologias utilizadas pelos professores do ensino regular para promover a aprendizagem dos alunos com deficiência**. 2013.Disponível em:<faflor.com.br/revistas/nativa/index.php/revistanativa/article/.../137/pdf>. Acesso em: 16 jan.2015, 23:53:46.

PRIETO, Rosângela Gavioli. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Ed. Summus, 2006. p. 31 – 74.

RIBEIRO, Elisa Antonia. [A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa](#). **Revista Evidência**, Araxá, n. 4, 2008, p. 129-148. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/tecnica_coleta_dados.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2015, 16: 38:22.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SOUSA, Eliza Martins. TAVARES, Helenice Maria. [Acessibilidade da criança com deficiência física na escola](#).2010. Disponível em:<<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/19-pedagogia.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2014, 18:49:23.

TÉDDE, Samantha. **Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão**. 2012. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana, 2012. Disponível em:<http://unisal.br/wpcontent/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Samantha-T%C3%A9dde.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2014, 20:25:56.

ZANATA, Eliane Marques. **Práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa**. 2005. 198p. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2004. Disponível em:<www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php>. Acesso em: 18 Jan. 2015, 12:10: 54.